



Literatura y Lingüística

ISSN: 0716-5811

literaturalinguistica@ucsh.cl

Universidad Católica Silva Henríquez

Chile

Justo Tramontini, Marcos
Cartas de poloneses no Brasil
Literatura y Lingüística, núm. 16, 2005, p. 0
Universidad Católica Silva Henríquez
Santiago, Chile

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35201608>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Cartas de poloneses no Brasil

Marcos Justo Tramontini
brasileiro,
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
justo@bage.unisinos.br

Resumo

Esse artigo constituiu-se a partir de um ensaio sobre cartas de imigrantes poloneses do Sul do Brasil traduzidas e publicadas pelo Frei Victor Stawinski, considerando a discussão teórica sobre a utilização de fontes epistolares como possibilidade de aprofundar a compreensão e análise do fenômeno migratório.

Palavras chave: – cartas – imigração polonesa – literatura do Brasil

Abstract

Polish settlers' letters in Brazil – This article was based on an essay about the Polish immigrants' letters from the South of Brazil, translated and published by Friar Victor Stawinski considering the theoretical discussion about the use of epistolary sources as a possible starting point to go deeper into the understanding and analysis of the migratory phenomenon.

Key Words: – letters – polish immigration – brazilian literature

1. Introdução

Este artigo é um ensaio sobre as cartas dos imigrantes poloneses que chegaram ao sul do Brasil no final do século XIX e início do século XX. Ditas cartas foram traduzidas, recortadas –para evitar repetições inúteis– e publicadas pelo Frei Victor Stawinski, no marco de estudo da discussão teórica sobre o uso dessa fonte epistolar como um meio possível para a pesquisa histórica.

O trabalho é uma coligação de 29 cartas extraídas da publicação "Polish Immigrant's letters from Brazil and USA", editado em Varsóvia em 1973 e que foi fortemente censurado pelo governo russo.

Apesar das perdas parciais e da intervenção do tradutor, essas cartas fornecem informações suficientes para analisar o processo de imigração, como expectativas, frustrações e como foi a organização inicial daqueles poloneses no Brasil.

2. Literatura epistolar

Pesquisando sobre a imigração para o Sul do Brasil e sua organização social, tenho me dedicado mais especificamente à análise da trajetória da

população de fala alemã (Tramontini:2003), mas ao confrontar-me com as cartas traduzidas e publicadas pelo Frei Victor Stawinski (1976), em seu estudo sobre os Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul, percebi-as como um desafio. Trata-se de uma compilação de 29 cartas, dentre as 361 que compõem a publicação Cartas de Imigrantes Poloneses do Brasil e Estados Unidos, editada em Varsóvia em 1973. Não cabe aqui lamentar a exclusão das cartas escritas em outras línguas, que não seja a polonesa, ou mesmo a liberdade que o tradutor/organizador tomou ao "reduzir" algumas, "para evitarem-se repetições inúteis e enjoativas", mas aproveitar a riqueza dos relatos disponibilizados.

Stawinski destaca que as cartas foram censuradas e recolhidas pelas autoridades russas, temendo que sua divulgação propagandeasse e incrementasse a emigração nos territórios poloneses. Das cartas que foram apreendidas, apenas as 361 que compõem o livro resistiram ao incêndio que destruiu o prédio onde ficaram arquivadas durante a Segunda Guerra Mundial.

Essas medidas autoritárias colocam-se na contra-mão da percepção da leitura como ato privado, ainda mais de cartas, como expressão ou espaço de manifestação de sensações íntimas, ou como afirma Philippe Áries, sobre o caráter marcante da cultura da escrita nas sociedades modernas, decorrente dos progressos da alfabetização, da difusão da leitura silenciosa "que estabelece uma relação solitária e íntima entre o leitor e o livro/carta" (Chartier, 1991: 113-161 y Foucault, 1992: 150)1. A postura russa parece mais compreensível à luz das considerações de Chartier que, mesmo concordando com a hipótese de que a escrita/leitura constrói, entre os séculos XVI e XVIII, uma esfera de intimidade, de retiro e de refúgio, acredita que esta não elimina as práticas antigas, como ler em voz alta para um grupo. Igualmente, Baeta Neves, na sua proposta de uma teoria da carta, considera que uma carta transcende, "por sua própria materialidade, a 'vontade' de quem a escreveu e passa a circular em uma 'área' que pode escapar -inteira ou parcialmente- do universo do remetente" (Neves, 1988: 191-195; véase también Galvao, 1997: 12-127)2. Muitas eram lidas em rodas familiares, em reuniões dos habitantes de aldeia ou mesmo publicadas como propaganda pelas agências de emigração (Nodari: 1993: 203- 214) - fugindo das intenções originais do missivista-, quando não eram.

Numa primeira leitura destas cartas, mesmo as que foram enviadas para as esposas ou para os pais que ficaram, evidencia-se um distanciamento, uma formalização que se contrapõe aquele esperado sentimento de privacidade ou de intimidade. O que nos leva a concordar com Abdelmalek Sayad:

"... mesmo quando a mensagem trata de coisas consideradas muito pessoais, íntimas, secretas, internas à família acima de tudo, ela não é acompanhada, ..., do sentimento de precisar revelar, quando não de trair, os segredos da família. Se de costume um mal-estar, mais ou menos agudo segundo as circunstâncias, assombra todas as formas de comunicação que exigem a mediação de um estranho à família (mensageiro, escritor de carta etc.) e cujo conteúdo é, por esta razão, necessariamente 'censurado', esse mal-estar provém com frequência do fato de que a comunicação 'íntima', interna à família, dever ser exercida a distância, 'fora' da família e por meio de uma mediação 'externa' à família. Dizer do exterior (...) aquilo que, idealmente, só se diz e só pode ser dito dentro da família; passar necessariamente por um intermediário e um mecanismo exterior para poder falar de si (da família) a outro membro da família, isto é um limite que deve ser levado em conta por todas as técnicas de comunicação que visam paliar a ausência ou neutralizar seus efeitos (...), como um limite da comunicação que nenhum instrumento pode superar, (...)." (Sayad, 1998, 143)³

Deste modo, no caso dos casais separados pela emigração, a enunciação da falta e do desejo de reencontro dá seguimento às descritivas instruções para a viagem. Assim, como um exemplo entre muitos, é a carta que Antoni Saniewski escreve a sua mulher. Um pouco mais afetivo é Jan Jaras, que se refere à "querida esposa" pedindo que não se esquecesse de seu marido Jane (Joãozinho), como ele não se esquece dela. Faz ainda um dramático apelo para que emigre, o quanto antes, para o Brasil, lembrando-a do juramento feito no dia do casamento. Mateuz Lesinski escreve que a cada passo lembra da esposa e dos filhos, suplicando que lhe escrevam. Jan Muszynski pede que a esposa venha para o Brasil, assim como a carta não assinada de número 78. Esses são apenas alguns exemplos de um modelo comum a quase todas as cartas. Nelas a ausência vem logo seguida de instruções para a viagem, ou seja, pela possibilidade da presença, se fazendo acompanhar de pedidos bastante pragmáticos: trazer sementes, ferramentas, roupas de cama, etc., onde se misturam os desejos de suprimento de faltas (a presença física do companheiro e os pedidos de sementes de vegetais –alimentos– da abandonada Europa Oriental, buscando-se reconstruir na nova terra aspectos de um mundo abandonado)⁴ com instrumentos para a conquista da nova terra (pedidos de ferramentas e de dinheiro). Esta ambigüidade marca o conjunto das cartas. Afirma-se, seguidamente, que se encontram em melhores condições no Brasil que como estavam na Polônia, valorizando as possibilidades de conquistas que se abrem. Ao mesmo tempo em que se afirma, com certa nostalgia, que nunca mais voltarão, não retornarão a ver os pais, irmãos, amigos que lá ficaram e que não querem emigrar. Por outro lado, chamam para a nova terra estes conhecidos, acenando com um novo futuro, além de valorizarem o fato

de estarem entre poloneses nas colônias, de que em breve teriam padres poloneses e igrejas, que o clima e a terra lhes possibilitariam plantar seus alimentos costumeiros, enfim, todas as possibilidades de reproduzirem na nova terra elementos do mundo "abandonado".

Ao mesmo tempo em que acreditamos que, como afirma Sayad, a pobreza e a sobriedade dessas mensagens se devem, em grande parte, à mediação da própria escrita, uma espécie de indigência no domínio deste instrumental que se traduz por fórmulas rituais: Louvado seja Jesus Cristo, estamos com boa saúde, responda a carta, envio cordialíssimas saudações, etc. Assim, como as cartas analisadas repetem com pronunciada frequência uma gama determinada de temas. Em primeiro lugar, destaca-se a narração sintética da viagem, onde a grande aventura é reduzida à pontuação do roteiro: Polônia, Hamburgo/Bremen, Rio de Janeiro, Porto Alegre e colônia de destino (Dom Feliciano, Santo Antônio da Patrulha, Silveira Martins, Alfredo Chaves, Jaguari, Ijuí, Encruzilhada ou Caxias). Como narrativa exemplar, e das mais ricas, temos a carta de Aleksander Kucinski:

"Chegamos a Berlim no dia 28 de setembro e de lá seguimos para Bremen, onde paramos 6 dias. Recebemos de graça a alimentação. No porto de Bremen-Haven embarcamos no navio no dia 9 de outubro. Durante uma semana, viajamos dia e noite até chegar ao porto de Las Palmas, onde o navio teve de abastecer-se de carvão. De lá viajamos 14 dias até a cidade do Rio de Janeiro. Demoramos apenas 3 dias e continuamos a viagem. O nosso navio encalhou e ficou parado 10 dias. Finalmente um navio, movido por máquina de vapor, nos resgatou. Assim conseguimos chegar a Porto Alegre e de lá, por via fluvial, levamos 6 horas em direção duma ilha, na qual paramos meio mês. Em seguida, em carroções de 2 rodas de madeira e sem aro, puxados por 4 juntas de bois, andamos viajando em terrenos acidentados, por picadas, até à colônia de São Feliciano."

A carta que Jan Wietrzykoski, não na parte em que narra a viagem, mas quando dá orientações para quem deseja emigrar, acaba enriquecendo o panorama da longa viagem com comentários no mínimo estranhos, pois trata-se de um excepcional caso, neste conjunto de cartas, em que os códigos de privacidade são quebrados:

"No navio escolherá o seu lugar no centro e na parte debaixo. Lá o navio balança menos. (...). Evitará qualquer briga, porque há grandes punições. Tomará todo o cuidado para não furtar, embora para nós não exista punição tão grave, já que somos considerados como mudos. Somente após três anos de permanência por aqui é que será aplicada a pena de talião: dente por dente, cabeça por cabeça; Se a pena fosse aplicada

agora, muita gente pereceria. O maior número de amigos do alheio verificou-se no começo. O que para nós não é nada honroso."

Caso semelhante encontramos na correspondência anônima, número 78, em que o marido conta à esposa que mandou embora a menina que veio com ele, pois era preguiçosa e se recusava a lavar a roupa e a preparar a comida. Estes exemplos de reconhecimento de problemas "morais" internos ao grupo serão sempre exceções, sendo que num momento posterior, de organização social de caráter étnico no interior da sociedade brasileira deverão ser reelaborados, limpos ou esquecidos. Como exemplo deste tipo de trabalho, cito Marmilicz (1998: 116)⁵, que ao comentar sobre os cem anos de polonidade afirma: "Sabe-se (!) que começou com pessoas humildes, honestas, dedicadas nos trabalhos, com grande fé, católicos com devoção a Nossa Senhora do Monte Claro", além de ordeiros, 'inabalável em suas decisões'.

As cartas, como afirma Stawinski, eram temidas e censuradas pelas autoridades russas como instrumento de incentivo a emigração. Apesar de nenhuma relacionar bens e riquezas, uma vez que eram recém-chegados, a sua grande maioria afirma as vantagens da nova terra, que compõem o segundo grande tema. Jan Jaras escreve para sua esposa dizendo que recebeu um grande lote rural de terras de mato e solo extremamente fértil, sementes e subsídios de 25 mil réis até a primeira colheita, além de uma ajuda para a construção de sua casa. Afirma que no Brasil plantam os mesmos produtos que costumam cultivar na Polônia, como trigo, repolho, batatas, milho, etc. Comenta que a situação do colono é melhor que a dos que se deixaram ficar na cidade, onde não há trabalho. Antoni Saniewski escreve a sua esposa pedindo que venha logo e lembra que as despesas da viagem de Bremen ao Brasil correm por conta do governo brasileiro. Comenta ainda que recebeu um lote e que na vizinhança estabeleceram-se vários poloneses, "todos católicos". Mateusz Lesinski apresenta um quadro mais duro: de dia trabalha e, à noite, dorme no barracão. Chove muito. Não tem agasalho. Dentro de um mês espera receber um lote colonial com muito mato. Diz que, por influência do bispo de Porto Alegre, cerca de mil famílias polonesas católicas serão encaminhadas para a Colônia de São Feliciano, e logo terão uma capela administrada por um sacerdote polonês. E complementa, "o trabalho é pesado, mas tudo indica, felizmente, que as coisas vão melhorar para o futuro". Antoni Bartnicki lamenta ainda não ter recebido seu lote, mas afirma estar recebendo os subsídios prometidos de 500 réis/dia por pessoa adulta e apresenta o seguinte panorama da nova terra:

"... o terreno é montanhoso e coberto de mato fechado. A terra é muito fértil. Produz trigo, centeio, milho, feijão, batata, repolho, pepino,

cenoura (...) Os dias são quentes (30 graus) e chuvosos. As noites são agradáveis e com abundante orvalho. O governo não só dá para cada família um lote colonial, mas ainda adianta a ajuda de 50 mil réis para começar a vida. Peço-te, filho, que venhas para cá.. (...) Quem desejar vir para o Brasil, que venha sem receio, pois eu me sinto muito bem aqui."6

Mais enfático ainda é Leon Galbierczyk:

"Estamos alojados em um enorme barracão. Recebemos vales para comprar alimento no armazém. Dão-nos, cada dia, o subsídio de 2 mil réis. Estamos para receber o nosso lote rural de 1.000 por 250m., com a obrigação de construirmos dentro de 5 meses, casa de madeira de 8 m. por 6m. O governo dá-nos 150 mil réis para a construção da casa. Por 7 anos vamos ficar isentos de taxas. Das 8 horas às 6 horas da tarde, comprometemo-nos a trabalhar em estradas por 2 mil réis diários. Meus caros, se alguém de vós desejar vir para o Brasil, que me escreva."

Piotr Murlik escreve dizendo que ele e o pai estão abatidos, cansados, e que ainda não chegaram ao destino. Mas afirma que em breve receberão um lote e meio, além de 15 mil réis, o pai, para compra de utensílio da cozinha e ele 10 mil réis. Para mobiliar a casa cada um receberá mais 25 mil réis. Ao mesmo tempo em que participa no falecimento de "criancinha Lucinka", diz: "Meu caro mano, se desejares vir para cá, então vem de uma vez e trazei-me uma boa moça casadoura."

Destacam-se como tema das cartas as descrições da nova terra:

"Aqui as árvores da floresta são diferentes das que crescem na Polônia. A terra é fértil, mas montanhosa. Produz toda a espécie de cereais. O calor daqui é igual ao nosso daí na época da safra de trigo. A gente daqui é da raça branca e preta. Há gente que pratica a religião cristã e há, também, gente de outras religiões. (...) Somos livres e não escravos. Mas, quem quer comer, tem de trabalhar (...)."

É o que afirma Aleksander Kucinski. Já Jan Baginski recomenda que a família ao emigrar traga roupa de vestir e de cama, mas a roupa de inverno é desnecessária: "o clima daqui é como o da Polônia lá pela festa de São João". Segundo Antoni Zielinski, "os que se encontram aqui há três meses estão muito satisfeitos":

"Disseram-nos na Polônia que no Brasil não havia nada. Ao invés disso, aqui, há de tudo. Disseram que havia animais ferozes. Mas, nós ainda não vimos nenhum. Disseram que não havia igrejas. Ora, igrejas há, mas são mais raras e só nas cidades. A missa é celebrada como na Polônia, em latim. O idioma daqui é diferente do nosso e se parece com a

vozearia dos gansos. (...) A população é 50% branca e 50% preta. (...) No Brasil sinto-me livre e 'patrão' e não como na Polônia. Não troco minha condição pela vossa. Meu caro irmão, se estás passando provações, então é melhor que venhas morar conosco."

Igualmente Marcin Knaczenski escreve ao seu irmão:

"... desejaria que viesses para o Brasil, porque aqui não há pobreza. Vende os teus haveres e vem com o dinheiro para cá. Receberás de graça uma colônia e sementes de cereais. Com o dinheiro com que na Polônia se compra um cavalo, aqui se pode comprar 5 cavalos. Porcos e vacas têm preço bem baixo. Não faltam galinhas, patos e gansos e tudo o mais que se requer para organizar uma vivenda. O clima é temperado. O calor é suportável e não é mais forte do que o calor da Polônia no mês de junho. (...) Digo a pura verdade, que aqui não provei as tribulações, que tive na Polônia." E estende seu convite aos cunhados Burkowski e Dalak. Wojciech Jakubowski afirma: Aqui estamos melhor do que na Polônia".

Em outra carta, o mesmo imigrante afirma que está "levando vida folgada, senhoril". Anna e Jakup Bufalt comentam aos pais sobre os subsídios e o lote que receberam:

"Há várias espécies de árvores. A grossura das árvores vai de um metro a 4 de circunferência; e a altura vai de 20m. a 30m. Há pinheiro, mas são diferentes dos da Polônia. Rachamos os troncos de madeira com cunhas de ferro. (...) No espaço de duas semanas desmatamos o que nos vai bastar para todo o ano. Após a derrubada, vem a queimada e, enfim, a sementeira. Não se cava nem se lavra a terra, mas planta-se entre os troncos e tocos de árvores e tudo cresce às maravilhas: centeio, beterraba, cevada, aveia, trigo, (...). Infelizmente, acertamos num tempo impróprio, pois só em maio vamos começar a semear. Até lá o Governo fornecer-nos-á as sementes. A nossa casa já está erguida. Agora estamos construindo as casas para os outros, com base de 80 mil réis cada casa. Estou ganhando 2 mil réis por dia. A nossa casa tem 8m. de comprimento por 4 m. de largura e 3m de altura. Eu mesmo vou mobiliá-la com os meios de que disponho. O meu cabedal: 2 cabras, 5 galinhas e apetrechos de cozinha. (...) No mato há poucos animais selvagens: tigres, veados, porcos de mato, lagartos e outros que vimos na Polônia. Há macacos, cobras, serpentes. Durante a noite esvoaçam insetos com os olhos luminosos que até parecem luz elétrica. Há lindos pássaros e aves. O clima é saudável. As águas são boas."

Segundo Ignacy Kalinowski:

"Aqui no Brasil a situação não é tão ruim, como pintavam aí. O calor é suportável. (...) Aqui nada se ganha de graça, a não ser pelo trabalho. Não é verdade que aqui estão distribuindo dinheiro e roupa. Estamos recebendo, isto sim, alimento bom e abundante, que nenhum abastado vê e come na Polônia." Finalizando com: "Enviamos saudações a todos e o convite para virdes quanto antes, porque é aqui que a gente vive e não ali..."

Nas cartas dos colonos já estabelecidos é padrão a enumeração dos bens, tamanho da casa, o número de animais, as quantias das colheitas. Estas observações parecem confirmar a análise de Zuleika Alvim das cartas de imigrantes italianos, quando comenta que "olham com curiosidade a paisagem completamente nova para eles, admiram a vegetação em sua exuberância", como a quantidade de lenha abandonada. Lembra que estes colonos não buscavam ouro ou pedras, o seu único objetivo era "conseguir condições de vida que os poupassem da miséria a que estavam condenados no país de origem". A miséria e a ameaça de proletarização vivida pelo campesinato europeu encontravam assim na América, além de um universo de lendas, um cenário de sugestiva fartura. Mesmo que a dura realidade se incumbisse de afastar o sonho, as cartas fazem referência a alimentos, água e bom clima, "quase como uma benção", e, muitas vezes, se comenta sobre a propriedade de porcos, galinhas e frangos, e repete-se a afirmação de que "come-se bem", que as casas dos colonos têm toucinho e linguiças: assim, matar a fome passava a ser referência digna de enaltecimento (Zuleika, 1991: 68– 73). Neste sentido temos a carta de Marcin Knaczenski, que afirma:

"Quanta comida eu tenho aqui, vós na Polônia ainda não vistes nem vereis até a morte. Tenho, à vontade, terra para trabalhar. Vinde para cá, porque aqui a sorte espera por vós. Não é verdade que aqui faz muito calor."

Este tipo de comentário é uma constante, a distribuição de lotes, os subsídios, a terra fértil, o fato de não fazer tanto calor. São poucas das cartas que se contrapõem a esta visão da "terra prometida". Este é o caso de Antoni Czerwinski, que diz já ter recebido seu lote de mato, mas que tem que esperar mais 3 meses para poder semear. Tem trabalhado na estrada para receber mil réis por dia...

"Até o presente, ainda não vimos, aqui, nem batatas nem pão. Estamos sem dinheiro. Em Zyrardów não imaginávamos que aqui a situação seria tão penosa. Tivemos um Natal triste, porque nem sequer tínhamos um pedaço de carne. Na véspera do Natal eu e a mulher sentimos o nosso coração despedaçar-se de dor (...). É verdade que o Brasil é país católico. Mas que importa isso, se a gente não entende a

língua daqui e mora longe da vila? Já consegui construir a nossa casa. Agora, estou ajudando a construir as casas dos outros."

Mas conclui: "se tencionais vir para o Brasil, deveis economizar o dinheiro e não gastá-lo, inutilmente, como nós fizemos." Acaba, portanto, assumindo a responsabilidade e/ou as culpas por sua desgraça e preservando o sonho e a utopia do Brasil/América.

Outra constante em cartas de todas as colônias são as notícias sobre as providências tomadas para a construção da Igreja, e as promessas de párocos poloneses, além do fato de estarem isentos de pagar imposto por vários anos, o que também evidenciamos ser uma constante nas cartas dos imigrantes alemães (Tramontini, 1997).

Por sua vez, o pietismo católico polonês marca a interpretação dos problemas e das tragédias, dissociando-os do ato de vontade que foi a emigração (Cattarulla, __: 113 a 130)⁷. Assim, Stanislaw Tartass ao lamentar a morte do filho e do cunhado comenta: "Sentimos muito. Deus age como melhor Lhe apraz. Deus, que nos enlutou, também nos há de confortar. Seja feita a vontade divina." (Buchmann, 1995)⁸

Valeria ainda observar que em momento algum nestas cartas se fala do Brasil como uma sociedade na qual deverão ou estão em processo de integração. Valorizam o fato de estarem entre poloneses, católicos, de em breve terem padres poloneses, de poderem plantar vegetais que conheciam na Polônia. O Brasil é, normalmente, apresentado como um novo espaço onde reconstruirão o mundo que abandonaram com novas e maiores possibilidades, isto é, terras férteis, madeiras, poucos impostos, clima ameno, etc. Ou ainda, um local onde poderiam ser poloneses livres, isto é, sem as restrições impostas pelo domínio russo, principalmente no exercício da religião católica e livres das taxações espoliativas. Referimo-nos aqui a estas duas marcas do governo russo na sua parcela do território polonês, que impunha impostos proibitivos e procurava induzir a população a abandonar a religião católica, fechando escolas, perseguindo, prendendo e exilando padres. Sendo que a situação nos territórios prussianos e austríacos não diferia muito, pelo menos no que se referia à miséria a que era jogado a população local. Ou seja, as nações que repartiam o território polonês forçavam um processo de "despolonização" ou de promoção de miséria e desonra entre os poloneses (Stolz, 1997 e Buchmann, 1995). O que explica em parte esta valorização da revificação da Polônia no Brasil. E, ainda, a manutenção de um certo orgulho, ou sentimento de resistência, pois não se colocam como expulsos de suas terras pelos seus, mas sim por potências estrangeiras. Na leitura do trabalho de Buchmann, confrontei-me com a seguinte citação, que corrobora, acredito estas breves conclusões:

"Dr. Estanislau Klobukowski e Janina Kraków, ... , bem como tantos outros, caíram vítima da tentação que se ocultava sob o véu da 'Nova Polônia' – esta fatamorgana não nasceu às margens do Vístula, mas sim no Brasil." (Buchmann, 1995: 88)9

Neste sentido, são poucas as referências de tentarem, e sobre a necessidade de, aprender a nova língua, aquela "vozearia dos gansos", por exemplo. Entre as raras exceções estaria Sobiesiak que diz: "estamos tristes, porque sem conhecermos a língua do país não conseguimos conversar nem com os sacerdotes nem com o povo daqui. Mas, alguma coisa já começamos a entender. Por nossa sorte, no Brasil é usado o mesmo alfabeto que empregamos na Polônia", fazendo, possivelmente, referência ao alfabeto russo. Ou Aleksander Slawski afirmando que gostaria de se estabelecer em Porto Alegre, capital do Estado, que é linda e grande, e onde há uma série de igrejas, mas não conseguiu emprego nas fábricas, acrescentado que não entende nada da língua local. Outras observações de estranhamento, de reconhecimento da alteridade, já surgiram nas citações feitas: como "a gente daqui é da raça branca e preta. Há gente que pratica a religião cristã e há, também, gente de outras religiões". Antoni Zielinski comenta que além de poloneses há na região do Brasil onde estão se alojando espanhóis, suíços e italianos, e que a população local é 50% branca e 50% preta, e que os "pretos são muito bons e, até, melhores que os brancos, pois estes são exibidos e sem religião" Slawski quando fala do Rio Grande do Sul conta: "o povo daqui é de cor, mas há brancos também. Há gente que não acredita em Deus", acrescentando que a população se dedica à criação de gado e que a terra é quase deserta. Storlarski lamenta também que não entendam a língua deles, referindo-se aos padres, mas que logo teriam um padre polonês. Jan Wietrzykowski afirma que a população local veio de todos os recantos do mundo e é, exclusivamente, católica. "É pena que não possamos entender-nos, senão por acenos. A gente daqui é rica e generosa. Na lavoura trabalham pouco. Só criam gado muar, cavalar, vacum e suíno."

As cartas demonstram a quase inexistente intenção de se integrar na sociedade brasileira, ou mais que isso, de promover a intensa, profunda e violenta transformação de deixarem de ser poloneses. Mesmo a questão da língua é apresentada como uma questão instrumental: entender os padres. Mas que deverá ser superada não com o aprendizado do português, e sim com a vinda de padres poloneses.

Não estamos tratando de imigrantes "provisórios", como os argelinos dos estudos de Sayad, mas a caracterização apontada em suas análises, tanto na concepção dos governos dos países que recebem os imigrantes, como

na dos próprios imigrantes (como ilusões fundadoras solidárias), de importação de trabalhadores ajudam os imigrantes a sustentar no novo país antigos padrões de comportamento, justificados na cultura de origem, como proporcionam ao país receptor, motivos para não discutir questões referentes a direitos e cidadania. Este material epistolar difere diametralmente de outros testemunhos como os de Stanislaw Klobukowski e Antônio Hempel, citado por Buchmann (1995, 65 e seguintes), que estabelecem, exemplarmente, uma outra versão da aventura migratória, pessimista, e que exploram na análise os jogos de interesses do projeto imigratório brasileiro. Sendo que a própria autora, em seu estudo já identifica esta diferenciação, classificando estes como a percepção de intelectuais, em oposição à dos colonos, mais imediatista, que apresentam as dificuldades como 'situações imediatas a serem transpostas', como 'coisas a fazer'. Sobre esta diferenciação, para além da capacidade de interagir de maneira mais profunda com a realidade, destes intelectuais, sugiro a interpretação de Emílio Willems em "A aculturação dos alemães no Sul do Brasil", que aponta para a maior dificuldade dos indivíduos que estavam acostumados a uma gama mais ampla de serviços na sociedade de origem no enfrentamento das dificuldades apresentadas no confronto com a nova realidade, em relação com aqueles que tinham uma existência extremamente dura, e que apresentam maior capacidade de enfrentamento dos novos desafios ou mesmo a crença que estes imigrantes tinham na utopia da América, como afirma Cattarulla (Ob.cit.: 113 –130), a mitificação do novo espaço (ideal), desconhecido, capaz de possibilitar a regeneração, a construção de ilhas de felicidade, um sonho de uma nova aldeia polonesa.

Notas

1 Sobre a carta e a cultura do Eu, que marca os séculos XIX e XX, Foucault (1992, 150) considera: "É simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz."

2 Galvão teoriza sobre o cruzamento entre cartas e a história y aponta como qualidade das cartas: 1) elementos preciosos para a reconstituição de percursos de vida. 2) fontes de idéias e de teorias não comprometidas pela forma estética. 3) em certos casos ainda um estatuto exclusivo devido à qualidade impecável da escrita. Aos quais acrescenta, no decorrer do texto, o valor analítico das cartas ao desvendar pistas de um processo ainda não sedimentado em "atos", que poderíamos visualizar na carta de Jan Wietrzykoski e na número 78, posteriormente citadas, nas quais o discurso étnico ainda apresenta brechas.

3 Outro elemento a considerar são as cartas escritas por outros, que exercem uma mediação da aproximação/afastamento entre leitor/escritor, como é o caso declarado da carta número 23.

4 Aqui incluiríamos os pedidos de livros de cantos religiosos que ocorrem nas cartas 41, 68 e 74.

5 Ver também Marmilicz, Paulo Tomaz. A antiga colônia polonesa de Guarani das Missões e suas relações atuais. Ijuí: Policromia, 1996.

6 As análises das correspondências dos imigrantes poloneses no Paraná são mais enfáticas ao afirmar que nelas aparecem críticas ao descaso das autoridades brasileiras. Neste conjunto, estes tipos de observações não se destacam.

7 Em seu estudo das autobiografias também destaca como nestes relatos a emigração aparece como ato de vontade, mesmo que por vezes a resolução final seja atribuída a algum fato determinante externo.

8 Segundo Buchmann, analisando uma carta anônima de 1891, em que ocorre uma narrativa semelhante, comenta que o relato da morte do filho é feito de forma extremamente breve, quase no final da carta (como no caso aqui analisado), minimizando sua importância, o que segundo a autora se deveria ao fato de ser "preciso acreditar na nova terra, ressaltar suas qualidades e os êxitos pessoais dos que a ela se dirigiam."(p.79) Em outro momento, destaca que a religião se coloca como a mediação entre o camponês polonês e a realidade, estabelecendo uma 'identificação da religião com o espaço familiar, do padre como figura paterna, seus protetores, a quem ele ocorre humilde, mas confiante. Só o pai espiritual, com seu poder, poderia vencer as dificuldades que o imigrante entrevia na fronteira."(p.77)

9 Em outro momento, cita texto de 1898 das memórias de Klobukowski, que diz: "O povo polonês reúne-se feliz em algumas partes do Brasil. Procura organizar-se. Poderia enraizar-se e desenvolver-se em outras nações da América do Sul. (...) Mas, para seguir o exemplo de nações que se desenvolvem além de suas fronteiras etnográficas faz-se necessário conhecer os terrenos e a situação em que nossa gente se encontra ou poderá encontrar-se. Com a finalidade de examiná-los a Sociedade Comercial e Geográfica, houve por bem enviar entre outros, para a distante região sulina." (p.89)

Bibliografía

Buchmann Tomich, Elane (1995). A trajetória do Sol, Curitiba: Fundação Cultural.

Cattarulla, Camilla. "El viaje del emigrante: un proyecto individual entre utopías y dudas". In: Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. XXV, n.2, p. 113-130).

Chartier, Roger (1991). "As práticas da escrita". In: Chartier, Roger (org). História da vida privada, 3, São Paulo: Companhia das letras, pp. 113-161.

Foucault, Michel (1992). "A escrita em si". In: O que é um autor? Lisboa: Veja, p. 150.

Galvão, Walnice Nogueira (1997). "À margem da carta". In: Flávio Aguiar, José Carlos Sebe Bom Meihy e Sandra Guardini Vasconcelos (organizadores). Gêneros de fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1997, p.123-127.

Marmilicz, Paulo Tomaz (1996). A antiga colônia polonesa de Guarani das Missões e suas relações atuais, Ijuí: Policromia.

_____(1998). Linha Bom Jardim: cem anos de colonização - 1898-1998, Ijuí: Policromia Gráfica.

Neves, Luiz Felipe Baêta (1988). "Para uma teoria da carta". In: Baeta Neves. As máscaras da totalidade totalitária: memórias e produção sociais, Rio de Janeiro: Forense. 1988, p.191-195.

Nodari, Eunice Sueli (1993). "Imagens do Brasil na Alemanha do século XIX". In: Anais da XII. Reunião da SBPH, Curitiba: SBPH, p.209-214.

Sayad, Albemalek (1998). "Da mensagem oral à mensagem gravada". p. 137-171. In: Sayad, Albemalek. A Imigração ou os paradoxos da alteridade, São Paulo: Edusp.

Stawinski, Alberto Victor (1976). Primórdios da imigração polonesa no Rio Grande do Sul (1875-1975), Porto Alegre: EST, 1976.

Tramontini, Marcos Justo (1997). A Colônia alemã de São Leopoldo: organização social dos imigrantes na fase pioneira. Tese de doutorado, PUCRS.

_____(2003). A Organização social dos imigrantes: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira 1824-1850, São Leopoldo: Ed. Unisinos.